

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno)..... 13000 reis
Com estampilha (anno)..... 15200 reis
Para fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias remetendo-se dois exemplares
Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
—* Rua da Graça—OVAR *

PUBLICAÇÕES

No corpo de jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
Annuncios e comunicados, 50 reis; repetições 25 reis
Annuncios permanentes, contracto especial
Os srs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento
Preço de cada jornal avulso 20 reis

Pró Misericórdia

OVARENSES

Outra vez na brecha.

Venho exhibir os meus applausos pela parte inicial da campanha beneficente em que vos empenhastes ha pouco mais d'um anno e que correu brilhantemente como nenhuma nos primeiros seis mezes. Depois desencadeou-se um temporal desfeito em um copo d'agua. Serenado o temporal surge uma calmaria pôdre. O silencio mais profundo: parece que se está na jazida dos mortos. Este silencio é um tributo de respeito prestado á morte da Misericórdia?

Não pôde ser. Os meus energicos conterraneos que tomaram a peito erigir esse augusto monumento de piedade onde serão albergados os desvalidos e onde elles depararão consolação e allivio aos seus infortunios, não podem assim deixar morrer miseravelmente instituição tão beneficente e que satisfaz os mais intimos e fervorosos anseios da sua alma. Não podem elles deixar-se empolgar pelo desalento quando tão bons auspicios os affagaram no começo do seu glorioso empreendimento, e quando para pôr remate á sua bella obra é preciso um esforço menor do que o já envidado.

Deve ser apenas fadiga momentanea resultante da violencia da faina em que se empenharam febrilmente; segredame a consciencia ansiosa por que se dê interpretação favoravel a tão subita paragem na marcha emprehendida.

Em verdade o silencio a que atraz me referi não era absoluto e completo. De quando em vez era cortado por detonações sêccas, asperas, sem ordem, nem methodo como as d'um fogo de feirada. E essas detonações eram produzidas pelos raios de indignação desferidos contra os padres que, conforme se dizia, hostilizavam a Misericórdia.

Não pôde ser, segredame a consciencia; os sacerdotes, representantes de Christo, não pôdem hostilizar esta instituição que realisa cabalmente as obras de misericórdia em que o divino mestre compendiou a parte humana da sua doutrina no celebre sermão da montanha, que foi instituída pelo santo sacerdote Fr. Miguel de Contreras, que foi respeitada e acatada nas epochas de mais exaltação religiosa, acolhendo-a com veneração nos famigerados autos de fé, que é posta sob o patrocínio da Mãe de Christo, sob a desi-

gnação de Nossa Senhora da Misericórdia, e que se abriga á sombra da cruz, symbolo da redempção.

Não pôdem os sacerdotes de Christo repudial-a, nem sequer mostrar-se-lhe indifferentes, porque ella desempenha uma parte da missão que Christo se impoz constantemente no seu transito n'este mundo: a cura dos enfermos.

Não podia, não pôde ser. Os representantes de Christo não podem dar mostras de intolerante hostilidade a uma instituição que, como a Misericórdia, faz amavelmente o que Christo fazia. Este acercava de si carinhosamente os pequeninos, acudia pressorosamente a todas as necessidades dos fracos e oprimidos e, no desempenho da sua missão santa, não curava de saber se elles eram virtuosos ou criminosos, fieis ou infieis. Prodigalisava os seus incomparaveis beneficios materiaes e moraes aos amigos e inimigos, ás prostitutas como a Magdalena, á adúltera, e á infiel como a Samaritana.

E' isso mesmo que faz a Misericórdia. Acolhe em seu seio amavel, para lhes prodigalisar os seus beneficios, todos virtuosos ou criminosos, catholicos ou acatholicos, religiosos ou impios. Julgar essa missão indigna de ser auxiliada pelas pessoas religiosas, pelos fieis, era irrogar a mais vehemente censura aos actos de Christo que o mesmo fez. E isso não pôde ser feito pelos sacerdotes que se dizem seus representantes, sob pena de serem elles julgados os impios e herejes.

Por isso se elles tal hostilidade patentearam é porque aos seus houvidos chegaram echos deturpados das discussões havidas a proposito dos estatutos que lhes fizeram crer que se engendrava uma instituição impia com o proposito de demolir a religião catholica e não se lembraram que a essas assembléas assistiu, sem lavrar um protesto, o venerando abbade d'Ovar.

Por isso não tenho duvida em convidar os sacerdotes e demais pessoas religiosas minhas contêrraneas a verificarem as disposições dos Estatutos e reconhecerão que a Misericórdia d'Ovar se propõe realisar na sua maior pureza a doutrina de Christo.

E assim confio em que do melhor grado accederão a filiar-se n'ella, inscrevendo-se como seus socios e collaborando efficazmente no seu engrandecimento para que finalmente vejam alliviados os infortunios que tanto lhes devam cortar o coração pio.

Alcobaça, 18 de novembro de 1909
Francisco Baptista Zagallo.

A POLITICA

(REFLEXÕES LIGEIRAS)

Levado ao estrangeiro por motivos que não pretendemos perscrutar, motivos de diplomacia internacional ou motivos de caracter pessoal apenas, lá anda fóra da patria o chefe supremo da nação.

Os revolucionarios portuguezes, com pretensões a republicanos, sempre desnorteados pela logica infeliz dos factos desde 31 de janeiro e amesquinçados agora pela corrente progressiva dos espiritos que se vae erguendo deante da onda de triumphos democraticos, lançam mão de todas as intrigas, de todas as baixezas, de todas as injustiças e de todas as calumnias, para escurecer a luz d'esses factos e para reprimir a corrente d'esses espiritos.

Clamando sempre contra o regimen, nem que do regimen sómente dependesse o bem nacional; pondo em relevo sempre a falta de honestidade na administração dos dinheiros do Estado, nem que a honestidade fosse a deusa sagrada onde só os republicanos teem altares; chorando lagrimas de crocodilo sobre o esbanjamento monetario da viagem regia, nem que só o Magalhães Lima tivesse direito de fazer passeatas extramuros á custa do cofre da Associação particular... da democracia; apesar do catonismo philosophico da parte de parte da imprensa republicana sobre a attitude do bloco liberal e sobre a lamentavel questão de Macau e sanatorios da Madeira, os republicanos estão hoje como peixe fóra d'agua.

Um mal estar indifinivel, um não sei quê de futuro duvidoso e de aspirações desfeitas, paira sobre a republica portugueza, n'uma nuvem escura de desenganos.

A synagoga democratica, depois de pôr em evidencia o escoamento dos dinheiros publicos, como causa prima de todas as nossas fatalidades, cantando a mesma aria em todas as terreolas do paiz, sente-se desanimada e desilludida perante a falta de patriotismo da nação que não se resolve a fazer causa commum com ella, queimando victimas ao Jehovah da revolução.

E o Rei lá passa entre triumphos, jantares e caçadas, longe do berço, alheio ás questões da vida nacional da patria e dos partidos, de braço dado com o rei Nino de Hespanha, entre Maura e Moret, este grande maroto que causticou o governo d'aquelle, não por consentir o fusilamento do acratá-intellectual da nação visinha, mas por o não haver feito no dia seguinte ao cataclismo de Barcelona; e o chefe da nação lá anda, gastando as migalhas do povo em lautos banquetes chuchando apertos de mão do presidente da Republica franceza, delirantemente applaudido em Paris e Chersburgo; e o Rei portuguez lá vae fazendo a travessia da Mancha n'um yacht inglez, no «Victoria and Al-

bert», e apanhando, na real face lusitana, beijos paternaes da real bocca britanica!

Que desgraça para a republica portugueza!

Quando todos julgavam que Portugal era um atomo no concerto das nações, tanta deferencia a D. Manoel, por toda a parte, entre gregos e troianos, entre monarchicos e republicanos, por onde vae caminhando o Rei portuguez!

E' que a desgraça conquista corações e transmuda pedras em sentimento. E' que a infamia do Terreiro do Paço, longe de dar impulso á ideia republicana em Portugal, fel-a retrogradar 50 annos. E' que a manifestação imponente d'uma récuca de bandidos e hypocritas sobre o coval de dois regicidas, hypnotizados pela eloquencia demagoga ou imporrados pela fatalidade do triangulo, encheu de vergonha a gente honesta portugueza e de nojo a gente seria do estrangeiro.

Por isso D. Manoel colhe agora, em sympathias e carinho, o fructo da semente republicana lançada em terreno portuguez.

Que desgraça!

Portugal tão pequenino, tão desajudado de todos os factores do progresso, da industria e da civilisação, a receber tantas provas de sympathia por parte das nações progressivas, industriaes e civilizadas!

Que desgraça!

E os republicanos que anguravam um desastre nacional e uma metamorphose nas instituições com o exilio do Rei, estão prostrados, embaraçados, cambaleantes entre o deixa correr o marfim do desanimo e a polvora da revolução redemptora.

No campo republicano, n'esta hora solemne da ausencia do Monarcha, n'esta hora prophetica em que a revolução de 28 devia ter segunda edição, no campo republicano reina a maxima anarchia.

Se a união faz a força, onde a força sem a união dos partidos monarchicos sérios, capaz de consolidar o throno e de amparar as instituições tão perseguidas, se da ambição pessoal dos monarchicos não fermentar vigoroso e energico o amor verdadeiro da patria?

Com que força pôdem contar os republicanos portuguezes para a sua Maria da Fonte, se lhe falta a união interna dentro do partido, se a cabeça do directorio está em estado de desagregação?

Em Lisboa e Porto, o interesse ou a vaidade, em eterna collisão, que elles teem procurado subtrahir ás vistas dos adeptos de pé descalço mas que não teem podido subtrahir á grande maioria d'aquelles que teem olhos de ver as cousas!

No Porto, o Padua Correia da ex-«Voz Publica», teve do fazer as malhas e ir pedir á porta do «Mundo» guarida que o Duarte Leite da «Patria» portuense não quiz dar-lhe. Por toda a parte, sobretudo no Porto, fazem-se os commentarios mais patuoscos sobre a tinta grossa com que Padua Correia, mesmo chegadinho ao

tabique do director Duarte Leite, desejava brindar o proprietario da «Patria».

O «Norte» desconfiado e triste bate na «Patria» mas nas encuralhadas escuras, para não offerecer o espectáculo d'aquella immoralidade republicana, aos republicanos, de apauha e que andam distanciados da vida amargurada por que vai passando o partido.

A «Patria» segue o mesmo caminho, cumprimentando o «Norte» na praça publica, para não *desmoralisar*, e enterrando-lhe a naifa do odio nas viellas escansas do regateirismo particular.

O «Diario Popular» do poeta Villena, que muito gosta de fazer politica ideal e abstracta, tem andado a fazer bichinha gata aos republicanos, deitando migalhas aos pintos democraticos, a ver se elles se abeiram do prato do *bloco liberal* e fazem causa commum com os *bloquistas*. E o «Mundo» tem gostado da piada, deixando-se amaciar complacentemente. Mas do outro pólo da republicana fica-se a «Lucta» a olhar de soslaio para o collega de S. Roque e a bradar baixinho para os seus botões: «bem te percebo meu pau de laranja».

E como agora foi sempre assim a harmonia entre o «Mundo» e a «Lucta», como entre José d'Alpoim e Afonso Costa.

O sr. Alpoim, o mais conspicuo trampolheiro politico de Portugal e dos Algarves, e o mais sincero dos republicanos que apertam a mão ao Rei, está em Paris atrelado á casaca protectora do Balthar do «Primeiro de Janeiro» que avesa cobres, pedinchando, segundo as más linguas, alguns linguados grossos para ajuda da liquidção honrosa dos quatrocentos contos do material de guerra importados sorrateiramente nas vespersas da revolução de 28.

A bocca calada cacareja-se que o exodo do tribuno e patrono Antonio José d'Almeida, alcaide-mór do *Club Montanha* d'onde escapára a *mot d'ordre* que liquidára dois reis, em breve será um enigma descascado.

E' como quem diz que as revelações que tem rodeado o assassinato de Cascaes meteram na mão do inclito caudilho um passaporte de tornaviagem, pondo-o ao fresco antes de rebentar grossa borrasca.

E já não é preciso beber do fino, n'isto de coisas politicas, mas basta ter dois dedos de raciocinio, para perceber o jogo do Alpoim, em esconder debaixo das saias de Wenceslau de Lima, o seu Medeiros.

As afflições e os bons amargos de bocca por que ha passado o conselheiro da Rêde andando aos pulos, não por Salamanca, mas por Paris, estão mesmo a dizer que o seu Medeiros devia ser a aranha providencial do partido republicano, capaz de tecer a teia que fizesse escorregar pela pereira abaixo o Wenceslau, fazendo no thezouro nacional mais um furo de 400 contos, quando o vencimento das lettras do material revolucionario estivesse nas vascas da agonia.

Agora que tudo foi por agua abaixo só resta o supremo refugio da revolução proxima, ou o recurso desesperador d'uma grossa *quête* levantada entre os magnates argentarios do partido republicano-dissidente.

Egas Moniz não está pelo ajuste; Alpoim é um ramo secco se lhe falta a sombra benéfica do Balthar; o Antonio José já estafou tudo quanto, em Africa, a quinina repartida em receitas lhe metteu no bolso; o Afonso, n'estas questões de dinheiro mette-se com a sua vida e deixa zoar a carvalheira; o Borgès, agora que o «Seculo» lhe faz concorrência, não anda em maré de brisas propicias; o Grandella esse, como negociante, gostaria antes

de negociar as lettras allemãs em questão; o Alexandre, esse coitado, tem-se visto forçado ao esfallamento de longos discursos, em defesa do Leandro, a impingir muita rhetorica e muita eloquencia, chegando mesmo a appellar para a consciencia e para Deus, elle que trocava a consciencia por uma fatia de fiambre e o seu Deus por uma taça de *champagne*.

Oh! que desastre, que desillusão, que fim de anno tão apertado não vão ter os republicanos!

E o povo sempre amarrado ao trenó da desgraça e da miseria, a fiar-se nas palavras ócas d'estes apostolos, e a dar palmas de applauso ás bernardices d'estes evangelisadores da boa nova, d'uma nova redempção!

XX.

A SORRIR

Sobre Ferrer não se falla
E' um caso moribundo
Com que até o proprio «Mundo»
Pouco se importa e se rala,
Quer no «Diz-se» quer no «fundo».

Os salvadores da nação,
Margaridos de S. Roque,
Levam tudo a reboque,
Só para a libertação
Do Leandro de *smock*

De *smock* e de cartola,
O bandido incendiario
Ao França Borges sicario,
Cincoenta contos d'esmola
Dará para o seu diario.

E assim esse jornal
Explorando o mesmo *sport*,
Que ao Silva Graça deu sorte,
Diz que a honra em Portugal
Anda pela hora da morte.

Frei Lucas.

De binoculo

(Retardada)

Cá temos outra vez deante das lentes do nosso binoculo a «Patria» que mão amiga nos mandou. A lamparina dos ferreiros d'Ovar não traz nada que mereça uma otheadella binocular. Tolice em barda. Pontapé, de crear bicho e chamar mosca, na grammatica e no senso commum e nada mais.

Sapateiros a tocar o rabeção da politica no que toca a relações da Igreja e do Estado a proposito da questão de Beja, hoje liquidada; madureza de maduros a reflexionar sobre as feridas feitas pelo baculo de D. Sebastião sobre a caximonia do «sôr» Medeiros; ingraixadella ao «exercito», no *significado jeral*, filho da parte pobre e não protegida da nossa jente; transcripção do testamento de Ferrer, do assassinado pelos padres e pela monarchia da *Hespauha* e em que o «heroe das pulcras Harmonias» nada mais diz do que uma apothese á cremação dos cadaveres; e finalmente mais meia duzia de *torpidades* banaes que são uma offensa á «consciencia civilista, humana» e nada mais.

E como nada mais lobrigou o binoculo na tal candeia de azeite n.º 80, filha legitima d'este seculo de luzes e trovoadas, a ver navios, ficaria por aqui, se não tivessemos necessidade

de encher mais um pouquinho o «Regenerador».

Respiremos um pouco, respiremos dois minutos, para irmos de longada um pouco pelo passado.

*

Ainda ha lagrimas em tantos olhos e saudades em tantes almas inconsolaveis a volverem-se para aquelles tempos do *Regulo* que tinha Ovar fechado á chave!

Pobre gente que jámais chegou a possuir a noção exacta das liberdades, dos progressos e das civilizações!

N'esses tempos dá regedoria, em que a pupila sombria e pesada do *Regulo* se estremava no jardim da sua *Estrumada*; n'esses tempos em que a dictadura vareira amparava religiosamente e com mão benéfica os eucalyptos da estrada do Furadouro; n'esses tempos em que era um crime de lesa-magestade tocar com mão destruidora a magestade do Pinhal publico, que mais tarde foi grande fonte de receita particular; n'esses tempos em que se deu o maximo incremento á nossa praia e se appellava, a favor dos pescadores de palheiros queimados, para a caridade publica em representações no theatro Gil Vicente; n'esses tempos em que se erguiam pontes, se abriam estradas novas e se remediavam carinhosamente todas as estradas velhas; n'esses tempos, de tristissima memoria para os incompetentes e para os ambiciosos do mundo, escoradores das suas casas abaladas; n'esses tempos em que se fez tudo o que de bom é perduravel ainda hoje possuímos, os chafarizes publicos, os caes na Ria; n'esses tempos de tyrannia e de dictadura vareira, o progresso, a liberdade, e a alforria intellectual, eram uma mentira.

Saudades de tal tyranno, de tal dictador, só espiritos retrogrados, as podem acariciar e bemdizer.

Elle não comprehendeu bem a epocha em que viveu; era um anacronismo.

Transformára as lagrimas d'uma familia inteira no Chafariz da Praça; arrancára dos juncaes do Carregal a Fabrica Brandão Gomes, empurrando uma fonte de receita local para Espinho; sophismára a lei organica do paiz, fazendo eleições anti-legaes no meio de florestas de bordões dos pescadores assoldados ao quartilho da Bairrada e á páda da freguezia.

Oh! muitos crimes, muitos crimes!

Mas hoje estamos saneados de taes velharias, bafejados pelo progresso, pela liberdade e pela seriedade politica que vae florindo e fructificando na nossa villa.

Hoje sim!

Hoje temos estradas sem covas, praças desafogadas, largos ajardinados, pequenas avenidas bem rasgadas e arborizadas, estradas limpas, de sargetas immaculadas sem esvurmar para a rua publica toda a raça de immundicies; hoje dá gosto visitar Ovar, com as ruas symmetricas, sem as calombas do favoritismo politico a ceder alguns metros de terreno a um amigo que leva alguns votos á urna nas horas de aperto.

Hoje temos pontes repara-

das, como a do Carregal, os eucalyptos da estrada do Furadouro inviolaveis, a praia hygienada, a riqueza natural da ria bem aproveitada, a illuminação publica melhorada e aturada, etc., etc.

Hoje temos, obedecendo ás grandes leis geraes do transformismo, a nossa enorme *Estrumada metamorphoscada* na gaiola dos Paços do Concelho, os antigos bancos de ferro forjado do Largo da Praça e dos Campos, em trincos de portas de curraes de gado, o granito dos rebordos da ponte do Casal e Carregal em soleiras e ladeiras de pescadores de peixe e de outros pescadores de aguas turvas.

Hoje temos só politica, politica e mais politica.

Temos a politica a comprar votos não por notas do banco, mas por *reservas* do serviço militar; temos a politica, vestida de todos os farrapos e miserias, a cobrir com os seus andrages o compadrio mais descabellado e vergonhoso.

Hoje temos tudo, tudo, menos o amor sincero ao nosso torrão, menos o desinteresse particular espesinhado pelo interesse geral que de nós exige o progredir da nossa terra.

A villa d'Ovar, uma das terras maiores de Portugal, notavel pela sua industria fabril e piscatoria, ajudada pela fertilidade do sóio das povoações limítrophes, em condições etnológicas e topographicas esplendidas, povo por indole, activo, trabalhador e aventureiro, com o caminho de ferro á porta e com o subsidio valioso da ria, a villa d'Ovar tem sido uma mina explorada por meia duzia de talentos verdadeiramente politicos e praticamente arranjistas.

De que nos servirão, a nós que vamos deixando correr os marfins tantos empreendimentos sonhados, embryonarios uns e outros em via de realisação, tendentes todos a melhorar a vida vareira, taes como a Misericordia, a Instalação de luz electrica e tracção, corridas de automoveis etc.; se mais tarde em todas essas iniciativas pegar o microbio destruidor da politiquice indigena a devastar, frustrar e inutilisar tudo isso?

De que valem tantos melhoramentos e tantos sonhos, para o engrandecimento da nossa villa, se mais tarde a intriga, a rivalidade pessoal das vaidades na regedoria do municipio, secar a arvore ao nascer se é que não soffoca a semente ao semear?

Ovar será eternamente ruidada, comida e carcomida pelo odio ou pelos gripfos da politica caseira, quer esta se embulhe n'uma tunica azul e branca, quer se touque de capacete rubro, enquanto a honestidade não fôr um facto e a honradez seja mais do que uma palavra.

Frei Lucas.

Coisas do Concelho

DE RELANCE

Com a falta de illuminação e as noites escuras como um prégio, não me tem sido possivel escrever esta chronica para

o presente numero.

Já mandei vir uma remessa de pavios para ao menos ter luz. Em quanto a camara não atende os desastres succedem-se, como ainda ha pouco ao sr. Manoel Maria Duarte, official do juizo d'esta comarca, que devido á sua falta cahiu e fracturou uma perna.
Aqui d'El-rei...

HORAS D'OCIO

N.º 9

Com vista ao meu particular amigo o dr. A.R.

Um homem sem parente algum, estava prestes a ser pae quando morreu; Conhecendo porém o seu estado de doença, fez o seguinte testamento:

Declaro não ter divida alguma, activa ou passiva.

A cammara municipal da minha terra, lego 90 contos de réis, com a obrigação de pagar, todas as despesas e direitos que houver, por meu enterro e legados.

Mais deixo 90 contos de réis, para serem distribuidos da seguinte fórma:

Se a mulher com quem vivo, e que se acha gravida, tiver uma filha, pertencerá a esta $\frac{1}{2}$ do que tiver a mãe; se porém tiver um filho, terá este $\frac{1}{10}$ do que pertencer á mãe.

Até aqui, tudo vae bem, meu bom Dr. l' o peor é que o homem morreu, e a tal mulher, lembrou-se (parece que era para agora ralar o meu amigo) de dar á luz, um bello rapagão, e uma não menos bella rapariga.

Como vae, o meu caro Dr., dividir os 90 contos, pela mãe e pelos dois gêmeos?

Resposta ao n.º 8:

Foi paga por 19\$860 réis.

Figueira da Foz.

M. E.

NOTA

Veja-se na secção «Noticias» a que leva por epigraphe «Misericordia».

Noticias

Iluminação

Continua a pessima luz.

A ex.^{ma} camara entende que só as estrellas dão luz e devem suprir a falta do petroleo e a sua má qualidade.

A maioria dos candieiros não se acende e o petroleo apesar de pessimo, onde se consome?

A ex.^{ma} camara paga-o?

Porque não põe a concurso o fornecimento de petroleo?

São perguntas innocentes a que a ex.^{ma} camara deve responder pelo seu orgão «independente» para decoro dos illustres membros que a compõem.

Ao ex.^{mo} sub-delegado de saude

Tratando-se da saude publica, chamamos a attenção de v. ex.^a para os focos de infecção que existem nas immediações da praça, onde periga a saude publica.

V. ex.^a não desconhece que a nossa ex.^{ma} e inolvidavel camara sabe

muito bem que os despejos das sentinas na occasião das chuvas veem dar á rua, o que causa nauseas a quem passa. Isto está previsto no artigo 4.º, capitulo 400 das posturas municipales, mas o desleixo e ineptia de quem superintende deixa perigar a saude de todos.

Preencha v. ex.^a esta lacuna fazendo com que a camara entre na ordem. Officie v. ex.^a a quem pertence velar pelo bem de todos, a quem por direito faça entrar a camara na ordem e terá v. ex.^a conquistado o nosso apoio.

Não tenha receio que seja demittido, porque o não é, nem pôde ser. E' preciso que nós todos concorramos para o bem geral sem nos importarmos com a inercia e desmazello de quem tem o dever de zelar e cumprir o mandato em que foi investido por eleição.

Acabe-se com isto por uma vez e deixemos-nos de hypocrisias.

Não publicamos o extracto da sessão que a muito digna commissão da misericordia de Ovar teve no dia 10 por não ser fornecida ao nosso semanario.

Jogo

Se vingassem ainda hoje as leis de Licurgo, os grandes jogadores deviam ser premiados, attenta a grande destreza, com que exercem a sua profissão.

Incoherencia

Os Sabastões, Sabastianistas, Sabenças, Sabios, Sabão, cebo, cebolorio e cebola da nossa desigualavel, inqualificavel, incomportavel, impossivel e horrivel «Patria» Patarata Vareira, diz no seu ultimo numero e na sua muito alta e nunca assás cantada sapiencia, sapientemente—criticando os nossos briosos bombeiros voluntarios, sobre o incendio do Calvario:

«Os importantes trabalhos prestados por esta corporação foram dirigidos pelo 1.º patrão sr. João Alves Cerqueira, tendo-se contudo, por vezes, notado falta de disciplina e saber por parte d'alguns bombeiros».

Tableaul

Isto, é que é, dar uma bofetada e esconder a mão. O primeiro patrão João Alves Cerqueira é um republicano moderado, um character nobre e como tal é respeitado, não só pela sua corporação, como por todos os seus conhecidos e n'essa conta o temos nós, pois, que lhe apreciamos o seu character, embora em politica seja nosso adversario. O sr. João Alves Cerqueira é um disciplinador e nunca consentiria a mais leve indisciplina. O sr. Cerqueira é verdadeiro instructor e se entre os bombeiros conhecesse pouco saber não exigiria serviços incompativeis com os seus conhecimentos d'elles.

Aquelle periodo afronta uma corporação inteira na pessoa do seu primeiro patrão, quando é certo que todos cumpriram o seu dever e localisaram o incendio, tão rapidamente quanto possivel.

Se esses escrevinhadores das duzias em vez de passearem com as mãos atraz das costas, trabalhassem á bomba, fornecendo agua—cuja falta se fez sentir...—Mas andaram por lá

de costas direitas a censurar quem lidava na extincção do incendio.

Inuteis e maus!

Misericordia

A administração do «Regenerador Liberal» entregará 4\$000 reis para a Misericordia d'Ovar, se algum dos leitores do jornal lhe remetter no prazo de seis dias a resolução certa do problema que em outro lugar vae incerto sob o titulo generico «Horas d'Ocio».

Padre Francisco Vinga

Succumbiu ás 3 horas da manhã do dia 18 do corrente, a repetidos ataques epilepticos,

A sua morte causou consternação em numerosos habitantes da villa, que viam no finado sacerdote um porte moral irreprehensivel. O seus proprios adversarios (pois os tinha e alguns de poucos escrúpulos, no emprego d'armas de combate) lhe fazem agora a justiça, que em vida lhe negaram, de o proclamar.

Era director local da associação Salesiana, por elle aqui estabelecida.

O seu temperamento que o fazia desconfiar de todos e de tudo, influiu muito na sua morte. Não consentia sobre a sua personalidade o dominio de influencia estranha. Era aferrado ao seu modo de ver e per'elle se determinava com uma contumacia, que muitos desgostos lhe acarretou e abreviando-lhe assim os dias da vida.

Era este o seu defeito mais capital e que elle tinha por boa qualidade.

A instrucção, principalmente a religiosa, mereceu-lhe particular desvelo e elle fomentava-a conforme podia e sabia, já por meio da humilia, já pela escola que fundára, a expensas da associação Salesiana e que considerava como a melhor no respeitante á educação da infancia.

Foi um sacerdote que trabalhou mais que o permittiam as suas forças pelo bem estar dos grandes e pequenos da nossa terra. Foi uma vontade que quiz. Sirva-nos ao menos d'exemplo n'este ponto.

Descance em paz.

Justiça

Concluiu o julgamento dos incendiarios da rua da Magdalena.

Leandro foi condemnado em 29 annos e meio e Fernandes em 28. O Eufrazio foi absolvido.

Ainda ha homens de consciencia. O jury composto de republicanos não se deixou suggestionar pela palavra do seu grande caudilho Alexandre Braga a favor do instigador e principal culpado que se chama Leandro.

O dinheiro nem tudo vence. Parabens ao jury e ao dr. Delegado Corrêa Leal.

O nosso querido amigo sr. Balthazar Machado Botelho Salazar e os srs. Manoel Joaquim Rodrigues e dr. Pedro Chaves, não poderam seguir para a ilha da Madeira em viagem de recreio, devido ao grande temporal, regressando já suas ex.^{as} a suas casas.

Agradecimento

Balthazar Machado Botelho

Salazar, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer, extremamente penhorado, a todas as pessoas que o cumprimentaram por occasião do incendio da sua habitação e as provas de sympathia e deferencia que recebeu do povo d'Ovar.

A Benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios de Ovar apresenta o testemunho da sua indelevel gratidão pelos serviços que prestaram e que são mais uma prova do valor e coragem que a caracteriza.

Ovar, 15 de novembro de 1909

Balthazar Machado Botelho Salazar.

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

II (Continuação)

—Fiz um famoso negocio na compra do meu barretinho—dizia João Botija guardando-o debaixo de sete chaves, depois de o escovar muito bem para lhe não dar a traça. Não é nada o capital que me entra pela porta! Pois olhem o tonto do Joanico, aquillo é que é um palarma, que por uns miseraveis duzentos mil reis me vendeu esta mina d'oiro!

E todos os dias, sem falta, ia á confeitaria, empanturrava-se, lançava o barrete ao ar e sabia sem pagar um real. Até que emfim uma noite em que o sr. João Botija comia uma batata que lhe não cabia na bocca, disse-lhe a confeitaira:

—Então, *senhô* João, quando paga esta contasinha?

João ficou com a batata na mão e a bocca aberta, e por unica resposta tirou o chapéu, atirando ao ar o barrete vermelho.

—Não se assuste,—replicou a confeitaira—que não é facada. Se hoje não traz, amanhã pagará tudo.

—Mas não vê a senhora o barrete que trago na cabeça?

—Bem o vejo, que não sou cega.

—Mas é que quem usar este barrete, não tem que pagar nada, nem aqui, nem n'outra parte.

—O senhor está louco... Onde está esse ajuste?

—Nos duzentos mil reis que me custou o tal barretinho.

—Com isso é que eu não tenho nada que ver.

—Sim?... pois espere ahí sentada que eu venha pagar-lhe os doces.

—Veremos!... Era o que faltava que estivesse aqui uma pobre ganhando a vida, para que a viessem roubar os freguezes ricos!

—Senhora, senhora, não me falte ao respeito!... os doces que eu lhe como, estão já pagos!

—Mentira, mentira!

—Senhora!

—Sim, senhor, mentira descarado; e ha de ir á cadeia por ladrão ou eu perco o nome que tenho!

João Botija perde as estribeiras, agarra uma travessa de merenque e pespega com ella na cabeça da confeitaira. A mulher grita, acode a vizinhança, apparece a policia; fazem que João Botija alargue os cordões á bolsa, e á força levam-no a casa para lá o atarem por louco.

Olhe que, se guloso avarento, em vez de rico, fosse pobre, dormiria na cadeia aquella noite; e o meu menino não dorme, não?...

III

Vamos agora ter com Joanico e sua mulher, que se iam pondo gordos como bolas, com os duzentos mil reis do compadre João Botija.

(Continua)



TELHA DE OVAR

(1)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no caes da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.^a 21\$000—2.^a 16\$000—3.^a 13\$500 reis

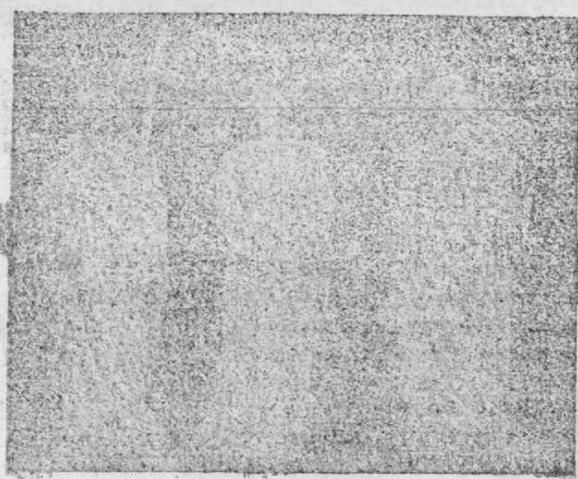
Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.^a



AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. HONOR N.º 144 A 134
—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Telephone, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de sancamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar
Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)



Uma visita a (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos a óleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a óleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartoneagem photographica moderna.
Impressões e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA (3)
E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras
etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Parça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difíceis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bords, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidrarla S. Bento (6)

—de—

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Ineida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcellanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Baguetes, caixilhos, espelhos, e

(8) Histogeno Llopis Unicomedicamento adotiado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.^a, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Monsinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.^o

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

— LIMITADA —

—* Vendas por junto e a retalho *—

Rua de S. João n.º 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silva

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanizada. Trabalhos garantidos e perfeitos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar